

EDITORIAL

Entre 2015 e 2018, quatro colóquios internacionais denominados “Queering luso-afro-brazilian studies”, ocorridos na França, Suécia, Reino Unido e Portugal, propuseram uma revisão radical dos cânones da Língua Portuguesa com leituras inéditas ou revisões de manifestações culturais canônicas (des)orientadas pela teoria queer. Esses colóquios revivem o espírito dos encontros sobre “Literatura e homoerotismo”, que tiveram lugar na Universidade Federal Fluminense, em Niterói (RJ), entre 1999 e 2001, e que resultaram na fundação da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura (ABEH).

Em novembro de 2018, a ABEH, única associação científica no mundo que reúne pesquisadores dedicados aos estudos da diversidade sexual e aos estudos queer, organizará o seu oitavo congresso internacional, reunindo centenas de pesquisadores, como de costume. O número de participantes dos congressos da ABEH alcançou um patamar que resulta num significativo e amplo quadro da pesquisa acadêmica, onde os estudos literários e culturais, seu berço, passaram a ocupar um pequeno e acanhado lugar, frente às urgências sociais e políticas nacionais e internacionais.

Os colóquios europeus deram novo fôlego aos estudos literários, seja por seu formato pouco ambicioso, seja, sobretudo, pela intensa troca de experiências e conhecimento entre seus participantes. Longe da organização grandiosa dos congressos internacionais, os colóquios ocorridos, sucessivamente, em Paris, Dalarna, Birmingham e Porto aproximaram e reaproximaram pesquisadores, recolocando em evidência os estudos literários, a partir dos quais foram gerados os estudos queer. Mas, se na virada do século, concentrávamo-nos em compreender, ainda que, de maneira equivocada, toda a extensão do que vinha a ser aquela teoria estrangeira, indisciplinada e perturbadora, passados dezoito anos, julgamos que os estudos queer acerca das Literaturas e das Culturas de Língua Portuguesa são decididamente incontornáveis para a compreensão do estado da arte internacional dos estudos queer. Talvez por isso, os últimos eventos, realizados nas Universidade de Birmingham (Reino Unido) e Universidade do Porto (Portugal), receberam vários apoios de órgãos de fomento à pesquisa acadêmica e à cultura de Portugal, da França, da Suécia, da União Europeia, e do Brasil, através da FAPESP – num quadro bem diferente do que

se encontrava anos antes, revelando o reconhecimento por esses órgãos dos estudos queer em nossas Universidades. Assim, em mais um esforço de divulgação e aprofundamento, a Equipe Editorial da VIA ATLÂNTICA apoiou a organização e publicação do dossiê de seu nº 33, “Queerizar os cânones luso-afro-brasileiro”.

Segundo a etimologia, a palavra “cânone” deriva da palavra grega *kanôn*, que significa “caniço” ou “bengala”, e por extensão, “norma” ou “regra”. Na sua origem, o “cânone” tinha uma conotação religiosa, dado que delimitava a “lista oficial” das Escrituras dignas de serem incorporadas numa coletânea de escritos inspirados por Deus: a *Bíblia*. Assim, o termo canônico “tanto faz referência à qualidade presumida de um texto incluído quanto ao status que o texto adquire por pertencer a uma coletânea considerada com autoridade. As religiões conferem um caráter sagrado aos seus textos canônicos, dando muitas vezes a entender que, se não foram escritos por um autor divino, foram-no pelo menos por uma autoridade divina.” (POLLOCK, 2006, p. 3). As universidades e o mundo acadêmico secularizaram o termo “cânone” incorporando ao mesmo tempo a dimensão “sagrada” das obras-primas e dos seus criadores, cuja aura perdura. Sendo assim, determinam e consagram o que, numa dada cultura, merece ser lido, visto, ouvido ou, pelo contrário, esquecido ou apagado.

O termo “queer”, como se sabe, oriundo da Língua Inglesa, foi incorporado ao vocabulário acadêmico das diversas línguas ocidentais na medida em que a teoria queer se disseminou pela Europa e pela América Latina. Com efeito, contrariamente à identidade gay, “a identidade queer não precisa de se basear numa verdade, qualquer que seja, ou numa realidade estável. Como o indica a própria palavra, queer não designa nenhuma espécie natural, nem remete para nenhum objeto determinado; adquire o seu sentido na sua relação com a norma. Queer designa assim tudo o que não condiz com o normal, o dominante, o legítimo. [...] portanto, o queer não delimita uma positividade, mas uma posição em relação ao normativo – posição que não é unicamente reservada aos gays e às lésbicas, mas acessível a qualquer pessoa que é ou se sente marginalizado por causa das suas práticas sexuais” (HALPERIN, 2000, p. 75-76). “Queerizar” é verbo, ação, portanto, de relativizar olhares pré-estabelecidos sobre objetos culturais por colocá-los em deriva, desestabilizando-os dos lugares que confortavelmente ocupam na cultura.

Neste volume, apresentamos a queerização de obras e seus criadores canônicos, ou ainda a ressurreição de obras e autor@s esquecid@s e outr@s

minoritari@s, sem “nenhum critério preconcebido, temática explícita ou biografia de autor, preferindo à celebração de uma diferença a insinuação de uma dúvida constante, a erosão insaciável, lúdica e política, das fronteiras convencionais entre homo e hetero” (CUSSET, 2002, p. 9-10). Afinal, as práticas queer são o reflexo de uma resistência à homogeneização cultural, uma “resistência mais firme perante os regimes da normalidade” (WARNER, 2013, p. 16), nomeadamente a heteronormatividade, já que “considerar ainda hoje a heterossexualidade como uma evidência comprova a força do pensamento *straight*” (KATZ, 2001, p. 152).

O senso comum admite que só existem dois sexos opostos, uma delimitação que surgiu, segundo Eve Sedgwick, nos finais do século XIX e início do século XX, momento a partir do qual “foi atribuído a cada pessoa um género (masculino ou feminino) mas também uma sexualidade (homo ou hetero), uma identidade binária com consequências graves, por vezes confusas, inclusive nos níveis aparentemente menos sexuais da vida pessoal” (SEDGWICK, 2008, p. 2). O dossiê propõe observar como autoras/es, realizadoras/es ou artistas conseguiram, em Língua Portuguesa, abalar as noções de identidade sexual, o binómio homem/mulher, assim como as oposições entre natureza/cultura, sexo/género, hetero/homo.

Ora, segundo a teoria queer, convém instaurar o *gender trouble* (BUTLER, 2003). Já que o género se constrói “através de diversas tecnologias [...] (o cinema por exemplo) e os discursos institucionais (a teoria por exemplo) que têm o poder de controlar o campo das significações sociais, e logo de produzir, promover e ‘implementar’ representações do género” (LAURETIS, 2007, p. 75). Por conseguinte, convém separar “a sexualidade do género” que não “é redutível à heterossexualidade hierárquica”, mas também descortinar essas “tecnologias do género”, uma construção da qual se poderia dizer “que toda a arte e cultura da elite ocidental são o reflexo” (LAURETIS, 2007, p. 41). Esse problema de género poderá até ser ultrapassado para ver como as subculturas queer apontam no sentido de uma “desorientação sexual” (BOURCIER, 2011, p. 331), uma “contra sexualidade” (PRECIADO, 2000), que, além de desconstruir o sistema sexo/género, “faz explodir o pensamento binário genital (pénis/vagina)” (SAEZ, 2005, p. 101).

Com essa reflexão, apresentamos o nosso Dossiê nº 33, cuja chamada se iniciou em junho de 2017, logo após a realização do colóquio na Universidade de Birmingham (Reino Unido). A chamada, a princípio, convidava os participantes

daquele encontro acadêmico a submeterem suas apresentações para publicação. Entretanto, como se esperava, recebemos uma quantidade expressiva de submissões, num número que ultrapassava bastante o dos participantes do encontro de Birmingham. Acreditamos que isso se deveu ao tema que vem recebendo uma intensa atenção tanto no Brasil, como no Exterior, na medida em que questões suscitadas pelas profundas modificações que as sociedades ocidentais vêm experimentando nos campos políticos, sociais e culturais no que tange às conquistas da população LGBTQ. Modificações que se intensificam para além do comportamento social e cultural, mas também pelas conquistas no campo dos direitos políticos e jurídicos.

Há de se assinalar a reação conservadora que vemos dia-a-dia demonstrar seu ódio às nossas conquistas, manifestada publicamente nas redes sociais e que, no Brasil, culminou com a absurda e raivosa repercussão à visita da filósofa norte-americana Judith Butler, em novembro de 2017. Temos plena consciência, em consonância com o otimismo de Butler, de que toda reação conservadora se dá porque se reconhece que a conquista e a expansão de nossos direitos são absolutamente irreversíveis. Para tanto “queerizar o cânone...” torna-se tarefa natural de quem emerge, afinal, como cidadão, como sujeito político e sujeito de sua História.

Para o dossiê foram selecionados vinte e três artigos que compõem um quadro bastante preciso do atual momento das investidas da teoria queer no âmbito dos estudos literários e culturais. Os objetos de investigação são especialmente obras literárias e cinematográficas, acrescido das formulações contemporâneas das mídias digitais. Curiosamente, poucos trabalhos se dedicam ao enfrentamento de obras e autores oriundos do cânone das culturas de Língua Portuguesa, há o privilégio a obras consideradas comumente “menores”, mas que vigorosamente colocam em xeque o que se deve considerar canônico ou não. Se o cânone de uma cultura estabelece uma norma, um padrão, uma diretriz de comparação entre obras que compõem o conjunto literário, a atenção às obras “menores” ou esquecidas impõe um questionamento àquilo que Roberto Reis denominou como “uma aristocracia de textos acima de qualquer suspeita” (REIS, 1992, p. 71), ou seja, ao colocar em suspenso os critérios que as elegeram canônicas, é fundada uma tensão que exige desvio e transgressão à norma, ao padrão e à diretriz definidas previamente pelo próprio cânone, assumindo um olhar em deriva interpretativa. Hoje, indubitavelmente, essa atitude crítica é re-

conhecidamente queer, é o cerne de toda a teorização que se desenvolveu e se abrigou sob a sua indisciplinada abrangência. Não que haja um cânone queer, ideia que trairia a própria teorização, mas ao mudar o sentido do olhar do crítico, a teoria queer dinamiza a crítica e, conseqüentemente, dinamiza o cânone, porque reage às aristocracias dos objetos, democratizando-os.

Os objetos analisados foram em sua totalidade oriundos das culturas de Língua Portuguesa ou de suas interfaces com outras culturas e literaturas nacionais. Desse conjunto, o privilégio dado pelos pesquisadores foi a objetos culturais brasileiros e portugueses. Daí, apesar da proposta abrangente do dossiê, caber assinalar a lacuna deixada em relação aos objetos culturais dos cinco países africanos de língua oficial portuguesa (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe) ou de Timor ou das regiões onde a língua portuguesa sobrevive, oficialmente ou não, como Macau e Goa. Acreditamos que essa lacuna deixada pelos pesquisadores ainda seja devedora de um princípio que organiza a crítica das culturas africanas, a da permanência de uma heteronormatividade, propugnada por uma suposta tradição africana, que ignora, a larga produção de pesquisadores, notadamente oriundos da África do Sul, e os esforços de inclusão social e política de grupos organizados naqueles países, muitos sob a forma de ONGs, como a [Associação Lambda](#), de Moçambique, ou a [Associação Gay Caboverdeana](#), de Cabo Verde, e de autores, canônicos ou não, que deixaram marcas em suas obras que não podem mais ser ignoradas pelos pesquisadores que se dedicam ao estudo dessas literaturas e culturas (como Luandino Vieira, em Angola, Mia Couto, em Moçambique, ou Evel Rocha e Fernando Monteiro, em Cabo Verde).

A organização do dossiê não se preocupou com hierarquias autorais, por isso o leitor irá encontrá-la pela ordem alfabética dos sobrenomes/apelidos dos autores dos artigos. Como foi dito anteriormente, a maior parte dos artigos se dedica a obras e autores considerados comumente “menores”, que, no entanto, pela crítica queer, ganham volume e se destacam para além dos nichos que a crítica canônica lhes designou. Assim, serão encontrados estudos sobre obras variadas, mas que se agrupam sob o esse olhar que queeriza o cânone.

Para a seção “Outros Textos”, foram selecionados dois textos provocadores que incitam a reflexão ao cânone e às suas diretrizes, na medida em que Inocência Mata questiona a funcionalidade ideológica da lusofonia e Rodrigo Machado propõe um outro olhar sobre o poeta canônico da língua, Camões.

A variedade também se encontra na seção de “Resenhas”, cujos autores selecionados não se preocuparam em atentar para obras que atualmente vem se dedicando a essa queerização canônica, como o recente *Corpo no outro corpo: homoerotismo na narrativa de portuguesa de contemporânea* (UFSCar, 2017), de Jorge Vicente Valentim, ou *Do pop ao teatro: revoluções ibéricas de gênero em António Variações e José Perez Ocaña* (Chiado Books, 2017), de Paulo Pires Pepe, ou *Queer(s) périphérique(s) Représentation de l’homosexualité au Portugal (1974-2014)* (L’Harmattan, 2016), de Fernando Curopos, ou, ainda, mais recentemente, *O mundo gay de António Botto* (Documenta, 2018), de Anna Klobucka. Acreditamos que os resenhistas, em sua maioria, alunos de cursos de pós-graduação em Letras brasileiros, ainda estejam se debatendo com questões típicas do cânone e que, por isso, ainda não ousaram voos desviantes e desafiadores, apesar de estarem apresentando suas leituras de vigorosas obras contemporâneas com temas urgentes e necessários.

Os editores do nº33 da revista Via Atlântica, por fim, acreditam que os seus leitores terão em mãos um volume que repetirá a história bem-sucedida de seu nº24, quando foi publicado o dossiê “Gênero, sexualidades e novas subjetividades nas Literaturas de Língua Portuguesa”, organizado por Emerson Inácio (USP) e Jorge Valentim (UFSCar), e que, passados quatro anos, demonstra o crescimento e o vigor dos estudos queer em língua portuguesa.

Alda Lentina, Dalarna University,
Fernando Curopos, Université de Paris IV
Mário Lugarinho, Universidade de São Paulo
Paulo Pepe, Queen’s University of Belfast

Referências

- BOURCIER, Marie-Hélène. *Queer zone 3*. Paris: Éditions Amsterdam, 2011.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CUSSET, François. *Queer critics*. Paris: PUF, 2002.
- HALPERIN, David. *Saint Foucault: towards a gay hagiography*. New York: Oxford University Press, 1995.
- KATZ, Jonathan Ned. *L'invention de l'hétérosexualité*. Paris: EPEL, 2001.
- LAURETIS, Teresa de. *Théorie queer et cultures populaires*. Paris: La Dispute, 2007.
- POLLOCK, Griselda. *Differencing the canon*. London: Routledge, 2006.
- PRECIADO, Beatriz. *Manifesto contra-sexual*. São Paulo: N-1 Edições, 2014.
- REIS, Roberto. Cânon. In JOBIM, José Luís (org). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- RICH, Adrienne. *La contrainte à l'hétérosexualité et autres essais*. Genève-Lausanne: Mamamélis-Nouvelles Questions Féministes, 2010.
- RUBIN, Gayle ; BUTLER, Judith. *Marché au sexe*. Paris: EPEL, 2001.
- SÁEZ, Javier. *Théorie queer et psychanalyse*. Paris: EPEL, 2005.
- SEDGWICK, Eve K. *Epistemology of the closet*. Los Angeles: University of California Press, 1990.
- WARNER, Michael. *Fear of a queer planet: queer politics and social theory (studies in classical philology)*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.
- WITTIG, Monique. *The straight mind and other essays*. Boston: Beacon Press, 1992.